



RESENHA DO LIVRO "E ASSIM ENTRAMOS NA RODA", DE MARISTELA L. FREIBERG*

Juliana Cristine Kupske Itermann**

A obra resulta dos estudos realizados para a Dissertação de Mestrado de Maristela Livia Freiberg, defendida em 1997. A autora é teóloga pela Escola Superior de Teologia (EST), Mestre em Teologia Prática pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia, hoje Faculdades EST, de São Leopoldo/RS. Em 1994 foi ordenada ao Ministério Pastoral pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) na Paróquia Luterana de Palmitos/SC. A partir de 1997 passou a atuar como pastora missionária na Grace Community Lutheran Church em Newark, até o ano de 2013, em ministério compartilhado com seu esposo, P. Moacir Weirich. Foi também coordenadora para a América Latina no Programa de Treinamento de Liderança para Jovens Mulheres da FLM, assessora do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos e compôs a equipe de coordenação do Curso de Teologia Popular. Atualmente, serve à Igreja Evangélica Luterana da América como Diretora de Missão Evangélica e Assistente da Bispa do Sínodo de Nova Jersey.

O conteúdo do livro se revela atemporal. Em 2022, a IECLB celebra os 40 anos da ordenação de mulheres ao ministério. As mulheres que engrandecem essa trajetória, sem dúvidas, comemoram as conquistas e a superação dos desafios impostos ao longo de suas caminhadas. Acertadamente, a autora faz resgates históricos da atuação de mulheres nas igrejas, bem como traz conceitos importantes e inevitáveis à teologia feminista.

A linguagem do livro não é complexa, razão pela qual se mostra acessível para todas as pessoas que desejarem conhecer uma parte importante da história da IECLB. Logo, fica aqui

* FREIBERG, Maristela Livia. **E assim entramos na roda!**: Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019. 194 p.

** Bacharela em Direito pela Faculdades Integradas Machado de Assis, de Santa Rosa. Advogada, especialista em Direito Previdenciário, regularmente inscrita na OAB. Estudante de Teologia na Faculdades EST. E-mail: julianakupske@gmail.com

registrado o convite para que pessoas leitoras conheçam o livro e, a partir dessa resenha, se sintam ainda mais motivadas para tanto.

Não poderia deixar de mencionar que o livro foi inspiração para que eu repensasse minha carreira profissional na área jurídica, como advogada, e voltasse a pensar na minha vocação. No início de 2021, “E assim entramos na roda...” foi a frase que me marcou, assim que peguei o livro em minhas mãos, no empréstimo oferecido pela Pa. Eliana Wegner Binsfeld. Depois da leitura, já muito instigada aos estudos teológicos e ao futuro ministério pastoral, devolvi o livro e informei à Pa. Eliana que decidi “entrar na roda”. O primeiro passo para a formação teológica foi dado. Ansiosa e felizmente, iniciei o Bacharelado em Teologia na Faculdades EST no segundo semestre de 2021. Hoje, cada vez mais encorajada e desafiada pelos conhecimentos que vão sendo construídos, atuo como bolsista do Programa de Gênero e Religião (PGR) da EST. Certamente, minha formação está sendo bastante marcante. Mas, agora, devo voltar aos comentários atinentes ao livro.

A obra, assim como a dissertação apresentada pela autora, é dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Do uniforme ao multiforme”, apresenta enfoques sobre a teoria feminista e as teologias feministas. Por muito tempo as mulheres foram silenciadas em suas casas, no âmbito familiar, na sociedade e na igreja. Diante disso, a autora buscou fazer um resgate acerca da condução androcêntrica do saber científico, que secularmente excluiu as mulheres.

A partir da desconstrução de paradigmas, com o reconhecimento da mulher como sujeito histórico importante na construção da sociedade, o saber teológico feminino passa a ser visível. O ponto de vista das mulheres sobre o mundo, quando demonstrado nos diversos lugares hoje frequentados por elas, é capaz de modificar concepções tidas até então como verdadeiras e inquestionáveis. A idealização de vestimentas que se espera que as mulheres usem, deixa claro que a sociedade sempre tentou camuflar a beleza e o potencial da diversidade feminina.

Ademais, na perspectiva do segundo capítulo do livro, o desafio levantado pela autora consiste em desconstruir e reconstruir uma percepção acerca das mulheres no contexto histórico. A maior dificuldade é encontrar documentos aptos a recontar fatos importantes, o que deve instigar a leitura das entrelinhas que levam à compreensão do feminino de cada época.

Presume-se que a jornada de estudos das primeiras mulheres que ingressaram na Faculdade de Teologia (FACTEOL) de São Leopoldo, a partir de 1952, não foi nada fácil. O preconceito em relação às pretensões dessas mulheres com a Teologia foi a maior das limitações impostas. Isso fica evidente quando se observa que algumas estudantes ingressaram, mas não concluíram sua formação. Afinal, não havia espaço para que elas fossem admitidas como teólogas na Igreja.

Felizmente, as mulheres não desistiram da Teologia. Dado o aumento considerável de ingressantes mulheres na FACTEOL, que na década de oitenta chegou a um terço das vagas acadêmicas, aconteceu a criação de um Grupo de Mulheres. A presença dessas estudantes

demandava mudanças no contexto teológico. O modo de pensar e fazer teologia levou à formação da Comissão Pró-Teóloga e culminou na implementação da disciplina de Teologia Feminista na formação.

No terceiro capítulo, está exposto que, apesar dos avanços, os desafios não terminavam com a conclusão do Curso. As mulheres precisavam ter lugares para trabalhar como ministras. A primeira ordenação feminina na IECLB foi de Edna Moga Rammingner, ocorrida em 1982. Com o passar do tempo, mais mulheres foram ordenadas, o que ensejou discussões sobre os rumos do ministério feminino na Igreja. As mulheres ordenadas e aquelas em formação começaram a se reunir para dialogar sobre suas atuações junto às comunidades e reivindicar direitos de ter o seu espaço de trabalho garantido.

Em resumo, num primeiro momento, só podiam atuar nas comunidades que lhes aceitassem, em conjunto com algum ministro homem, sendo este seu cônjuge ou não. As lideranças comunitárias acreditavam que as pastoras não tinham capacidade de atender as necessidades da comunidade por causa da sua sensibilidade, caracterizada como fragilidade.

As mulheres não precisaram convencer somente as lideranças da Igreja sobre o seu papel no ministério ordenado. Elas tiveram que provar às comunidades que eram aptas às mesmas funções que os homens costumavam exercer, devendo ainda superar as expectativas sobre sua atuação. Ainda hoje, pelos Sínodos da IECLB, alguns lugares não aceitam ou não respeitam mulheres no ministério ordenado. Ou seja, a luta das teólogas feministas é incessante.

Além de tudo, o livro conta também com anexos, especialmente, documentos que retratam o ingresso de mulheres na Faculdade de Teologia, a formação da Comissão Pró-teóloga na instituição, a constituição da Cátedra de Teologia Feminista e registros da atuação feminina na IECLB. O mais incrível dessa parte do livro é ver nomes conhecidos, de ministras que atuam ou já atuaram na IECLB, e de teólogas renomadas na Teologia Feminista mundial, ou seja, a parte “viva” da História. Conhecer a atuação dessas mulheres no ministério ordenado da Igreja é reconhecer a grandiosidade do papel feminino para a vida eclesial e para a cristandade.

Ao ler o livro de Maristela Livia Freiberg, apreende-se que o saber teológico feminino precisou ser imposto para ser reconhecido e, aos poucos, aceito. As mulheres sempre estão em uma linha tênue entre opressão e libertação, embora muitos progressos já tenham sido alcançados. Nesse sentido, diante da contribuição tão marcante da teologia feminista na formação teológica, as pessoas que ingressam nessa caminhada não podem refutá-la.

A luta por um espaço na sociedade, por visibilidade científica e reconhecimento de legitimidade ocorre a passos lentos. Isso não significa que as mulheres não tenham conquistado certos direitos de forma impositiva. O importante é perceber que mesmo com essa relativa morosidade muitos avanços acontecem e, principalmente, se revelam de forma mais convincente, efetiva, com argumentos sólidos e maduros.



A presença das mulheres na IECLB reforça que a luta das mulheres não pode parar, o movimento deve ser constante para ratificar o que já foi conquistado e tornar possíveis novas conquistas. Não só as mulheres podem falar sobre isso, todas as pessoas devem, inclusive. Ainda mais para que sejam estabelecidos diálogos capazes de quebrar o paradigma de que o feminismo seria um “machismo invertido”, afinal não é.

Ter consciência de que os passos do movimento feminista dentro da Igreja culminaram no reconhecimento da importância das mulheres na propagação do Evangelho e dos ensinamentos cristãos, abre espaço para inúmeras discussões. Recomenda-se a leitura da obra explanada para enriquecer conhecimentos e viabilizar conversas indispensáveis à compreensão e ao progresso da teologia feminista.

Recebido em: 16 dez. 2022.

Aceito em: 16 dez. 2022.